

O uso de conectores argumentativos num corpus de gramáticos quinhentistas

Clara Barros

mbarros@letras.up.pt

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto

Pretendo, neste trabalho, proceder à análise do uso de operadores argumentativos num *corpus* constituído por textos de gramáticos portugueses quinhentistas. Para este tipo de análise de textos escritos do passado, que se inscreve genericamente na Pragmática histórica, é particularmente importante a escolha do *corpus*. Com efeito, para ser possível estabelecer a relação entre o uso linguístico escrito e os seus contextos, torna-se fundamental a escolha de textos de que se conheça a tradição, a função, a intenção do Locutor e o tipo de acção que representam. Os textos deste *corpus* pertencem a um tipo de discurso específico com determinado grau de homogeneidade e contêm, em si mesmos, elementos do quadro situacional e das condições de enunciação que permitem a reconstituição das suas condições de produção e de interpretação.

Tomando como base o material disponibilizado em Maria Helena Paiva (2002) nomeadamente o «Índice Geral de Vocábulos» e as «Pré-edições» incluídos nessa obra, procurei detectar e explicar as diferenças observáveis na frequência e na utilização pragmática de conectores causais, contrastivos e conclusivos em textos de Fernão de Oliveira, João de Barros, Gândavo e Leão. Sendo todos os textos do século XVI¹, podem no entanto ser consideradas duas

¹ A *Origem da Língua Portuguesa* de Duarte Nunes de Leão é editada apenas em 1606, mas o seu autor representa seguramente o discurso característico de um gramático quinhentista português.

sincronias: Fernão de Oliveira e João de Barros, com obras publicadas em 1536 e 1540, constituem uma primeira sincronia, enquanto Magalhães Gândavo, com obra publicada em 1574, e Duarte Nunes de Leão em 1576 e 1606 dão testemunho de uma segunda sincronia.

Para além de detectar, em cada um dos gramáticos referidos, a maior ou menor frequência de uso de operadores argumentativos (que é mais persistente em Fernão de Oliveira), tentei dar conta de aspectos da especificidade discursiva e da estruturação textual, assinalando o predomínio de certos actos discursivos como os de planificação e de justificação, entre outros.

A análise pragmática na sua aplicação a textos de sincronias mais remotas depende da existência de edições e estudos prévios que possam torná-los mais acessíveis. Em relação aos textos dos gramáticos portugueses quinhentistas existem diversas edições disponíveis², mas tomei como ponto de partida quase exclusivamente a obra já referida de M^a Helena Paiva, cuja investigação exaustiva, séria e rigorosa não pode deixar de ser uma inspiração para quem se debruça sobre questões da história da gramática ou da história do Português. Analisei os textos disponibilizados nas “Pré-edições” e parti do “Índice Geral de Vocábulos” para elaborar uma hipótese acerca das frequências relativas dos conectores argumentativos nos textos dos diferentes gramáticos³.

Trata-se, sem dúvida, de um *corpus* específico com assinalável grau de homogeneidade que apresenta condições de análise muito favoráveis. O ‘Índice geral de vocábulos’ permite uma imediata percepção das frequências relativas e conduz a pesquisa das ocorrências em contexto⁴. É sem dúvida muito benéfica a existência de detalhada informação disponível sobre estes textos. A investigação que se debruce sobre este período da língua poderá facilmente utilizar os dados do tratamento informático. Mas o confronto dos números só pode ser directo entre os dois gramáticos da 1^a sincronia – com obras publicadas em 1536 e em 1540 –. Assim, são comparáveis os dados referentes a Fernão de Oliveira e João de Barros, dadas as dimensões do *corpus* desses dois gramáticos, que

² Como por exemplo as edições críticas de diversos textos de gramáticos portugueses quinhentistas da autoria de Maria Leonor Carvalhão Buescu e a edição crítica, semidiplomática e anastática da *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536) de Fernão de Oliveira elaborada por Amadeu Torres e Carlos Assunção, Lisboa, 2000.

³ A Prof. M^a Helena Paiva facultou-me ainda, gentilmente, materiais de concordância de formas, que muito facilitaram a minha análise.

⁴ Como aliás a autora sublinha ao iniciar o capítulo V^o – respeitante à referência – com a seguinte afirmação: (p.80) “Uma das vantagens do tratamento informático é a possibilidade de localização de cada ocorrência no ponto preciso de cada obra”.

são aproximadas: 35,7% e 37,3% (73,1% do total dos textos analisados) – o que permite um confronto em termos numéricos simples. Trata-se também do tratamento de textos integrais, enquanto os textos analisados de Leão e Gândavo são muito menos extensos, sendo o texto deste último particularmente curto. O *corpus* analisado de Gândavo, com 3,1% do total, e o de Leão com 23,6% (somam portanto 26,8%) representam um quarto das respectivas obras⁵.

Encontrei percentagens de frequência diferentes nos dois gramáticos da primeira sincronia: as conjunções analisadas encontram-se esporadicamente em João de Barros, mas são sobretudo persistentes em Fernão de Oliveira. A observação dos dados numéricos que traduzem a frequência relativa dos conectores argumentativos poderá evidenciar algumas características do discurso dos dois gramáticos da primeira sincronia.

Procurei, ao analisar este *corpus*, responder a duas questões principais: quais os contextos predominantes de ocorrência dos conectores adversativos e em que tipo de enunciados/actos de discurso surgem.

Analisei segmentos idênticos dos textos, como a dedicatória, os actos de planificação do discurso e de construção do *ethos* do Locutor. No entanto, ainda que qualquer desses segmentos seja mais extenso na *Gramática* de Fernão de Oliveira, esse facto não suscita o uso acrescido de conectores argumentativos. É no próprio discurso da descrição gramatical que estes surgem, e surgem mais no texto deste gramático do que no de João de Barros.

Tendo verificado que a percentagem do uso de conectores argumentativos é superior no texto de Oliveira, procurei estabelecer uma correlação dessa maior frequência com a maior extensão de certos segmentos do discurso argumentativo, tentando relacioná-la com os actos discursivos predominantes.

Através das evidentes afinidades da segmentação destes textos verifica-se que Oliveira cita mais do que os outros gramáticos, manifestando maior presença de autoridades que reforçam a sua convicção assertiva. A título de exemplo: nos seis primeiros capítulos apresenta uma citação de autoridades em série, sobretudo notória no sexto capítulo em que cita 17 autores. O tema do capítulo suscita essa exibição de garantias da sua convicção assertiva; de facto, é a parte do texto em que se define gramática e se procura referir os que primeiro ‘ensinaram letras’. Como já se torna evidente, este processo concorre para o delinear de uma imagem consistente do *ethos* Locutor, ajustada ao seu importante objectivo – a descrição da língua portuguesa.

⁵ Cf. Paiva (2002: 31).

Observa-se, efectivamente, na *Gramatica* de Oliveira, uma maior extensão da dedicatória e dos actos de construção do estatuto de autoridade do locutor. No entanto, o primeiro acto de planificação do discurso é análogo na gramática de Oliveira e na de Barros: na primeira surge no final do capítulo quinto (exemplo (1)); na segunda figura nas primeiras linhas que seguem a dedicatória (exemplos (2) e (3)):

(1) “A primeyra partição que fazemos em qualquer lingua & sua grãmatica seja esta em estas tres partes. Letras Syllabas & Uozes: que tambẽ ha na nossa de Portugal com suas considerações cõformes a propria melodia” (OGR0 5 10 15-19)⁶

(2) “Capítulo inicial: Difiñicám da Grãmatica e as pártes della.

GRAMMATICA, E uocabulo Grægo: quer dizer, çiençia de leteras. E segundo a difiñicám que lhe os Grãmáticos derã: e hũ módo çerto e iusto de falár, & escrever, colheito do uso, e autoridáde dos barões doutos.” (BGR0 1, 2R, 4- 10) 15.

(3) “...[os latinos.] Os quães pártem a sua Grammatica em quártro pártes, ã Orthografia, que tráta de letera, em Prosodia, que tráta de syllaba, em Ethimologia, que tráta da diçam e em Sintaxis, a que respõde a cõstrçã, á imitaçã dos quães, (por termos as suas pártes,) diuúdfimos a nõssa Grãmatica. E porque a mais pequena destas pártes e a letera, dôde se todalas dições cõpõem: ueiamos primeiro della, e desy das outras tres. Nam segũdo conuẽ a órdẽ da Grãmatica especulatiua, mas como requiere a preçeiuiua: usando dos termos da Grãmatica latina cujos filhos nós somos, por nam degenerar della. E tãbem, por que as çiençias requerẽ seus próprios termos per onde se am de aprẽder, como as óbras mecanicas instrumentos com que se fãzem, sem os quães, nenhũa destas cousas se póde entender nem acabar.”(BGR0, 1, 2V 11-25)

Trata-se de um discurso (de um meta-discurso) composicional que denota, por parte do Locutor, um conhecimento de normas e convenções, mas também uma competência activa da composição textual e macro-textual, sobretudo a que respeita às partes da gramática entendida como arte da construção⁷.

Há certamente uma maior densidade de citações no início dos textos, nomeadamente na introdução dos temas e o discurso dos gramáticos tem

⁶ Refiro a localização dos excertos citados de acordo com o texto das «Pré-edições» apresentadas em Paiva (2002). A primeira maiúscula refere a inicial do autor, as seguintes as letras iniciais da obra como por exemplo : OGR = Oliveira, Gramática; a numeração refere capítulos, parágrafos e linhas, sendo o número 0 atribuído aos segmentos iniciais, como as dedicatórias. Aligeirei os critérios de edição utilizados nas «Pré-edições», nomeadamente no que diz respeito à grafia do “s”. Eliminei os sinais convencionais indicando translineação, junção/separação, abreviatura, gralha corrigida/mantida.

⁷ Não é por acaso que três dos gramáticos estudados citam o arquitecto Vitruvius quando referem o processo de construção que empreenderam.

características gerais comuns quanto às dimensões de ordem composicional do discurso. Uma parte substancial desse discurso respeita a disposições que derivam de – ou são associadas especificamente a – definições ou denominações.

Estas dimensões são relevantes no que respeita a um aspecto central do discurso dos gramáticos: a sua feição de discurso didáctico inerente à preocupação de explicitude e à orientação de ordem informativa e pedagógica que o marcam e justificam. São-lhe correntemente averbadas consequências ou implicações de ordem prescritiva. É um discurso que não só descreve mas também preconiza o uso correcto da língua.

Em que moldes estão configurados a construção do estatuto do Locutor e a afirmação da pertinência deste discurso didáctico dos Gramáticos? O que se torna interessante verificar é que o Locutor não deixa de indicar os motivos da existência destas obras. Eles resultam de uma convergência de razões, que são referidas, logo no início dos textos, sendo o principal objectivo do texto um objectivo didáctico – ensinar ou facilitar o uso da língua. É muito clara a afirmação da importância da língua e do seu uso esclarecido. A *Gramatica* de Oliveira, por exemplo, envereda, logo após a dedicatória, por uma reflexão e um decidido louvor da língua e da sua dignidade que se estende por seis capítulos, invocando autoridades em defesa das suas posições.

O texto de Fernão de Oliveira, tal como, em geral, o dos outros gramáticos, é marcado por uma heterogeneidade enunciativa. À voz do Locutor aliam-se outras vozes particularmente autorizadas. As razões que conferem pertinência a este texto são de diversa índole, mas sublinha-se que se trata da “língua de tão nobre gente e terra como é Portugal”. Contraste flagrante se observa entre a alegada importância da obra empreendida e a humildade do seu auto. O Locutor – ao autodefinir-se na Dedicatória como “hum homem baixo e estende-se a pouco meu animo” que escreve uma obra designada, com igual modéstia, “primeyra anotação...da lingua portuguesa” –, recorre a um *topos* da humildade, modéstia e empenhamento conscientes, um lugar comum dos pedidos de benevolência, mas destaca o prestígio desta língua, decorrente da nobreza da gente que a fala e da terra em que é falada. A língua portuguesa é mesmo apresentada como um modelo de perfeição: “Notarei o seu bo costume para que outros muitos aprendam e saibam quão prima é a natureza dos nossos homens, porque ela por sua vontade busca e tem de seu a perfeição da arte”. Estes são os dois aspectos principais de uma estratégia de sedução que visa dispor bem o Alocutário. É também sublinhado o pedido feito por D. Fernando de Almada no sentido de assegurar a docência de seu filho D. Antão, pedido que poderá ter

sido interpretado de algum modo como uma motivação para produzir material de apoio à leccionação.

Na *Gramática* de João de Barros encontramos de igual modo uma dedicatória, mas não a um patrono qualquer: ao príncipe herdeiro D. Filipe, o sexto filho de D. João III⁸. Surge também a convocação de autoridades, mas com menor extensão e com menos ‘vozes’ convocadas. O texto entra aliás sem grandes preâmbulos na matéria não sem salientar na dedicatória o trabalho, esforço e mérito necessários para perseguir o objectivo pretendido. A autoridade do gramático é sustentada pelo seu prestígio, entendido como reconhecimento de competência num domínio particular⁹:

(4) “Dedicatória ao mvito alto e excelente príncipe dom filipe nosso senhor

Qual será lógo a linguágem que...mais natural e obediente uos deue ser, senam a uóssa portuguesa, de que uos deos fez principe & rey em esperança. Aquella que em Európa æ estimada, em Africa e Assia por amor, armas & leys tam amada & espantósa: que per iusto titulo lhe pertença a monarchia do már & os tributos e os tributos dos infiães da tærra. . Aquella que como hũ nouo apóstolo, na força das mesquitas& pagódes de totalas seitas & idolátrias do mundo, despræga prægando &e uençêdo as reães quinas de Christo: com que muitos pouos da gentildade sam metidos no curral do senhor.” (Barros: 0, 4, 7-17)

(5) “os preceitos da lingoa portuguesa que ofereço a uóssa alteza...E ante que se trate da gramática poerey os primeiros elementos das leteras, em módo de arte memoratiua, por mais facilmête aprenderê a ler e dessi os preceitos da ley & os mãdamêtos da igreja, cõ hum tratádo de ouuir a missa. E no fim da grammática uam dous diálogos, ...: materia conueniente á idade...” (BGRD 0, 5, 11-23).

Neste mesmo passo, como se vê, fica fixado o objectivo didáctico da obra, que é apresentado como sendo o de ensinar ou facilitar a aprendizagem.

No que respeita às definições e denominações inscritas nestes textos, começo por anotar que elas são introduzidas em actos assertivos que detêm um estatuto particular: dado o quadro enunciativo em que são produzidas, tais asserções valem propriamente como declarações – pelo que constituem verdadeiras asserções declarativas.

⁸ D. Filipe era o príncipe herdeiro, após a morte do irmão D. Manuel, ocorrida em 1537.

⁹ Sem esquecer que o recurso à autoridade divina e os correspondentes argumentos apodícticos não estão ausentes desta obra: João de Barros usa o texto do *Missal* e invoca S. Bernardo.

Observo que a definição, que geralmente se desdobra em elementos de descrição e explicação de elementos linguísticos – sons, grafias, pronúncias, letras, dições ou itens lexicais – constitui um procedimento de marcada explicitude que em muito convém a, e está de acordo com, a natureza deste discurso.

De um modo geral, as definições seguem o esquema ‘**x é y**’ – em que se supõe que o elemento **y**, que é sinonímico de **x**, já faz parte do universo de saberes do Alocutário e é, portanto, de significado mais acessível. Naquele esquema, **ser** é claramente um predicado identificacional, que permite estabelecer uma correlação de identidade entre dois elementos, desenhando um equativo ou uma estrutura de tipo descritivo/atributivo, como se pode observar nos seguintes exemplos:

(6) “Letera (segundo os grammaticos) **e** a mais pequena parte de qualquer diçam que se pôde escrevuer”: a que os latinos chamáram nóta, e os gregos carater, per cuja ualia e poder formamos as palàvras. E a esta formaçam **chamã** elles primeiros elementos da linguágem: ca bem como do aiuntamento dos quátro elementos se compõen totalas cousas: assi do aiuntamento das leteras hũas com as outras per órdem natural, se entende cada hum em sua linguágem, pola ualia que pos no seu, A, b, c.” (BGR 10, 3R, 3-12)

(7) “Syllaba, **e** hũa das quátro partes da nóssa Grammática que corresponde á Prosodia, que **quer dizer** acento e canto: a qual Syllaba **e** aiütamêto de hũa uogal, cõ hũa e duas e as uezes tres cõsoantes...” (BGR 20, 3V, 23 - 4R, 1)

5. “Nome (segũdo a difinçã dos grammaticos): **e** aquelle que se declina per cásos sem tẽpo **sinificãdo** sempre algũa cousa que tẽha corpo, ou sem corpo.” (BGR 31, 5R, 4 – 6)

(8) “Patronymico nome **e** aquelle que **significa** filho, neto, ou descendête daquelle que tem o nome donde ô nós formámos & deriuámos: como Ioám Fernandez, filho de Fernando” (BGR, 31, 7R, 25 – 7V, 3)

(9) “**Chamamos** nomes Verbáes todolos que se deriuã de algũ uerbo: como de amár, amor, de sospirár, sospiro, e de chorár, choro. **Podemos** tambem **dizer serem** nomes uerbáes todolos infinitiuos...” (BGR, 31, 8V 14 – 17)

8. “Nvmero ã o nome, e aquella distincã per que apartamos hum de muitos, E ao numero de hũ **chamã** os grãmaticos. Singulár, e ao de muitos, Plurár” (BGR 31, 10R – 12)

(10) “A. **He** letra vogal simplez & pura, & acerca de nos duuidosa na quãtidade, como acerca dos Gregos & Latinos: porque pode ser breue, & pode ser longa, segũdo as letras, a que se ujunta, ou o lugar onde cae.” (LRTO, 10, 2V, 7-10)

(11) “Til **não he** letra, mas hũa linha & abbrevuiatura, que se põe sobre as dições, com que suprimos muitas letras” (LRTO,10, 24R 4-6)

O discurso didáctico contém definições, como vimos. Mas acompanhadas de justificação que pode surgir previamente à formulação da definição ou depois de ela estar enunciada. Há diversas formas de justificação que acompanham a descrição-exposição propriamente dita. No texto de Fernão de Oliveira surgem esporadicamente enunciados do discurso didáctico, com asserções que traduzem definições. Mas são acompanhadas por uma explicação que geralmente toma a forma de um raciocínio causal-conclusivo. As causais introduzem inequivocamente o discurso justificativo. Vejam-se os exemplos seguintes:

(12) “O til e hũa linha dereita lãçada sobre as outras letras sua força e tão brãda que a não sentimos se não mesturada cõ outras: & **por tanto** não tẽ nome apropriado mais de quanto lhe o costume quis dar. E eu digo que e neçessareo todas as vezes que despoys de vogal em hũa mesma syllaba escreuemos . m .ou . n . & muito mais sobre os ditõgos.” (OGR, 14,19, 9-14).

(13). “**porque** os homens falão do que fazẽ: & **por tanto** os aldeãos não sabẽ as falas da corte: & os çapateiros não são entendidos na arte do marear...” (OGR 32, 43, 21-23)

(14). “E **porque** as letras liquidas nas partes das diuisões que já fizemos não tem lugar nem fazẽ genero ou espeçia de letras por si. Mas somente são letras semiuogaes deminuidas de sua força. **Por tanto** aqui juntamẽte falaremos dellas.” (OGR 11,15, 11-15)

Note-se, em (12), o carácter assertivo e o acto ilocutório traduzido na expressão «eu digo». É manifesta, em (13) e (14), a presença de raciocínios de tipo causal-conclusivo.

A invocação/convocação de autoridades constitui, nas obras gramaticais em análise, uma estratégia adoptada pelo Locutor para ampliação ou reforço da sua autoridade que, na verdade, está também sustentada pela apresentação, que é feita de modo sistemático, de garantias que suportam as suas convicções assertivas. Essas autoridades são invocadas/convocadas como modelos de sabedoria porque emitem opiniões tomadas como particularmente qualificadas. Como é sabido, os actos ilocutórios caracterizam-se também pelo recorte de dimensões sequenciais e interactivas, sendo que a asserção manifesta com nitidez uma condição de argumentatividade, respeitante à convocação de suportes ou fundamentos que a sustentem. É frequente que esta condição de argumentatividade seja preenchida precisamente através da convocação de autoridades.

Uma parte significativa da estratégia de convocação dessas autoridades consiste no recurso a citações. Entram, assim, outras vozes no discurso, nele desenhando uma explícita heterogeneidade enunciativa. A heterogeneidade

enunciativa que marca os textos em estudo surge também realizada por outras vias, e nem sempre se concretiza de modo explícito – como acontece, em particular, na conjugação da voz do Locutor com as vozes correspondentes a *topoi* ou a *doxas* trazidos ao discurso. Veja-se, a título de exemplo, o seguinte comentário justificativo da inclusão de usos periféricos na norma: «Uerdade he que não ha cousa tam aspera que o vso não abrande...». (OGR0 37 51 20-21)

Sempre que o Locutor envolve no seu discurso a voz concordante de outros enunciadores, o seu estatuto sai reforçado e oferece mais garantias. Tendo o suporte de outras vozes, de inquestionável autoridade, o Locutor constrói a sua própria autoridade sobre o ‘já dito’ e também supostamente ‘já aceite’. Convocar vozes concordantes institui uma co-responsabilidade discursiva. Ou seja, a voz do Locutor incorpora outras vozes, com projecção de polifonia concordante, que pode consistir na efectiva introdução de um discurso relatado em citação, em que cede a voz a outras vozes reconhecidamente aceites – como as de Varrão, Quintiliano ou César – que vêm apoiar a convicção assertiva e funcionam como garantia da sua legitimidade¹⁰.

Todos os gramáticos citam, mostrando a sua erudição. Não é fácil determinar uma percentagem genericamente mais elevada de citações no texto de um dos gramáticos. A recorrência depende do autor citado. Nota-se que Oliveira cita tendencialmente a autoridade de gramáticos como Varrão, Quintiliano e Aulo Gélío. Podemos observar, no quadro seguinte, a distribuição das ocorrências de citações de alguns autores latinos:

Tabela I

Lista de ocorrências de autoridades clássicas citadas

| | Total | Oliveira - Gramática | Barros - gramática e Diálogo | Gândavo- Ortografia e Diálogo | Leão - Ortografia e Origem |
|-------------|-------|----------------------|------------------------------|-------------------------------|----------------------------|
| Quintiliano | 29 | 22 | 5 | 0 | 2 |
| Varrão | 10 | 8 | 1 | 0 | 1 |
| Marciano | 4 | 4 | 0 | 0 | 0 |
| Messala | 4 | 0 | 2 | 0 | 2 |
| César | 16 | 0 | 8 | 0 | 8 |
| Catulo | 23 | 4 | 11 | 0 | 8 |

Cf. Paiva (2002): «Índice Geral de Vocábulos», p.131, 138, 463, 449, 642 e 771.

¹⁰ Sobre as várias dimensões do relato de discurso, ver Duarte (2003).

As citações dos gramáticos da Antiguidade clássica constituem argumentos de difícil refutação que quase prescindem de prova. Mas mesmo na citação de autoridades Oliveira faz opções e reformulações, procedendo por vezes a uma acareação dos gramáticos citados: “ Desta letra .q. parece Quintiliano duuidar antre os latinos: a quem segue Diomedes, mas porem Marçiano diz outra cousa: & com tudo os latinos aperfiem consigo...”(OGR0 17 24 17-19).

O gramático produz um discurso expositivo mas por vezes também põe hipóteses, deduz e argumenta. Seleccionei certos elementos que particularmente se encontram envolvidos na argumentação e centrei a análise dos conectores argumentativos sobre os morfemas contrastivos.

Neste discurso didáctico gramatical, o aparecimento de contrastivos está certamente ligado a uma antecipação de dúvidas, de hesitações; inscreve-se, portanto, numa preocupação de exaustividade, de explicitude e de convencimento/persuasão, tornando particularmente notória a interacção e a presença efectiva de um Alocutário.

Importa sublinhar a singularidade das dimensões argumentativas assim realizadas, que conferem mobilidade de argumentação.

O estudo dos morfemas contrastivos exige, por norma, que se tome em consideração o quadro em que se movem Locutor e Alocutário. Em termos gerais, o uso de contrastivos aparece ligado a discursos conflituais, em que surge uma oposição entre interlocutores e vozes diferentes, num cenário em que se debatem opiniões. O enunciado em que figura o contrastivo constitui uma qualquer fractura de norma pressuposta, tida como verdadeira, se não universalmente, pelo menos por alguns¹¹.

Os contrastivos conectam orações que contêm argumentos anti-orientados; avançam uma nova direcção argumentativa e simultaneamente fazem-se eco de uma outra voz individual ou plural, do senso comum, sendo, pois, uma típica expressão de polifonia, e de polifonia discordante, em que se assiste a uma mais ou menos marcada “fricção de vozes”¹². A conjugação de vozes assim realizada pelo Locutor constitui mais um momento, de recorte e orientação específicos, da heterogeneidade enunciativa que, por diferentes vias, se institui com particular acuidade no texto de Oliveira.

¹¹ Uso a definição já clássica de Anscombe (1995); Ducrot (1995).

¹² Ver Fonseca (1994), sobre as dimensões que cabem na heterogeneidade inscrita na língua e no discurso. Ver também, mais especificamente sobre a “organização enunciativa do discurso”, Marques (2000).

Enquanto nos textos dos outros gramáticos o discurso em geral que descreve e ensina toma a forma de definição seguida de explicação/justificação (sob a forma de causais, comparativas e analogias), no texto de Oliveira observamos abordagens multifacetadas. Encontramos uma opinião construída em sucessivos momentos de observação dos dados. À definição segue-se a justificação, mas são ainda considerados outros discursos, outras opiniões, outros dados, outras vozes. Contra-argumenta, por vezes, contra a norma por ele próprio anteriormente estabelecida, numa progressão de raciocínio em que o discurso se vai construindo. No texto de Oliveira também surgem definições, mas a configuração mais característica do seu discurso é de cariz argumentativo, registando-se uma frequência considerável (33 ocorrências) do morfema “com tudo”. Veja-se o seguinte exemplo:

(17) “E se assi e verdade que os gregos com os latinos: & os ebraycos cõ os arabigos e nos com os castellanos que somos mais vezinhos cõcorremos muitas vezes em hũas mesmas vozes e letras: & **cõ tudo** não tanto que não fique algũa particularidade a cada hũu por si hũa so voz & com as mesmas letras (OGR 07, 12, 5-11)

Nesta ocorrência, “com tudo” poderá aproximar-se ainda do seu valor etimológico, pelo carácter anafórico de retoma de dois predicados, da oração anterior, embora se pressinta já um valor aproximado do actual.

De um modo geral, os usos de “com tudo” que observei no texto da gramática de Oliveira apresentam já um sentido contrastivo, mesmo quando se pode ainda verificar alguma retoma anafórica de elementos do cotexto anterior. Este contrastivo introduz frequentemente a contraposição da própria experiência, da própria observação dos dados, da própria opinião, muito frequentemente enunciada na 1ª pessoa. Vejam-se os seguintes exemplos:

(18) “na lingua grega as dições que depois de si tẽ partes encleticas ou atrativas tẽ asinado hũ acento sobre a parte enclética & outro seu proprio sobre si[...] & assi cumo os gregos tem isto pode ser que tãbem outras gentes o tem com elles & **com tudo** se pronunção ambos aquelles acentos ou qual delles elles o saibão: eu não dou conta mais que escasamẽte da minha lingua a qual não tem mais nem outra cousa que o dito” (OGR 28, 35, 22[...]32)

(19) “E agora quando a cada vogal quasi muda sua voz: não diremos logo que temos as mesmas letras: nem tantas como os latinos: mas temos tantas figuras comiẽlles: & quasi as mesmas ou imitação dellas. E **com tudo** nam deixa d’ aver falta nesta parte porque as nossas vozes requerem que tenhamos trinta & duas: ou trinta & tres letras:” (OGR 06, 11, 12-18)

(20) “ E porque aqui e tempo como de caminho quero dizer deste auerbio ate o qual antre nos responde ao que os latinos dizem vsqz este auerbio digo, alghũs o

pronunção cõforme ao costume da nossa lingua que he amiga d'abri"la boca: & danlhe aquella letra.a.que digo no começo: mas outros lhe tirão esse .a. & não dizẽ ate: mas dizẽ te não mais começando ã .t. Antre os quaes eu contarey tres não de pouco respeito na nossa lingua: antes se ha de fazer muyta conta do costume de seu falar & são estes. Garçia de resende em cujas obras o eu li no Cançioneyro portugues que elle ajuntou & ajudou. E Joam de Barros ao qual eu vi afirmar que isto lhe parecia bem: & a mestre Baltasar com o qual falando lhe ouui assi pronuoçar este auerbio que digo sem a, no começo & **com tudo** a mi me parece o contrayro: & ao contrairo o vso dandolhe .a. no começo: assi como damos a muytas dições segundo o que fica dito" (OGR 35, 47, 9 – 25)

(21) "Nos generos dos verbos não temos mais que hũa so voz acabada em .o. pequeno: como ensino . amo . & ando: a qual serue como digo em todos os verbos tirando alghũs poucos como são estes . sei. de saber. & vou . & dou. & estou. & mais o verbo sustãtiuo o qual hũs pronunçia em. om. Como som. & outros em ou. como . sou. & outros em .ão. como são. & tãbẽ outros que eu mais fauoreço em .o . pequeno como . so . no parecer da premeira pronunçiação cõ . o . & . m. Que diz som. He o mui nobre johã de barros & a rezão que da por si e esta: que de som . mais perto vẽ a formaçã do seu plural o qual diz . somos . . **com tudo** sendo eu moço pequeno fui criado em são domingos D'euora onde fazião zõbaria de mỹ os da terra porque o eu assi pronunçiaua segũdo que o aprendera na beira" (OGR 47, 71, 21 – 72, 2)

(22) "Alghũs que escreuẽ liuros ãcostumão fazer nos principios prologos de sua defensão o que eu não fiz: e tenho esta razão que me não quero queixar ãtes de ser ofendido. & mais quẽ pode dizer mal de mi que bo seja pois aos maos não posso fugir: mas por qualquer parte sempre me hão de mal tratar: & **com tudo** eu não dou licença que alguẽ possa ser meu juiz se não quem ler os liuros que eu li : & com tanto trabalho & tam bẽ ou melhor entẽdidos. (OGR 50, 74, 27 – 75, 3)

(23) " A Quantidade das sylbas na nossa linguaue muy façil de conhecer : porque as vogaes em si dão çerta voz destinta as grandes das pequenas, & as pequenas das grandes : **com tudo** as grandes podem gastar mais ou menos tempo hũas que outras : & as pequenas outro tanto antre si, segundo as consoantes que se seguema diante as quaes tambem ajudão acreçentar ou demenuyr nas vozes" (OGR 27, 31, 21-29)

Note-se que em todas as ocorrências a forma "com tudo" surge ainda não aglutinada (o que denuncia um processo recente de gramaticalização) mas funciona já inequivocamente como operador de inversão da direcção argumentativa, como é característico das conjunções adversativas. O processo de gramaticalização da expressão «preposição mais adverbial» parece estar concluído.

No exemplo (21) creio que, no morfema "com tudo", 'tudo' tem ainda, em parte, o valor adverbial anafórico, de retoma resumptiva de argumentos

anteriores, nomeadamente ‘o prestígio do mui nobre João de Barros’ e o seu argumento baseado numa regularidade paradigmática, flexional. No entanto, tais argumentos não são considerados suficientes pelo Locutor para anular o contra-argumento que passa a expor – o do aparente desprestígio da variável.

No exemplo (23) “com tudo” impõe novo rumo argumentativo, claramente contra-expectativa dada a afirmação inicial, no cotexto próximo “A quantidade das sylbas na nossa lingua e muy façil de conhecer”, imediatamente justificada por uma causal “porque as vogais se distinguem”. Àquela ‘facilidade’ da definição inicial contrapõe-se agora a complexidade de uma dupla subdivisão da quantidade das vogais, ou seja, há uma quebra de regularidade que o uso de contrastivos sempre envolve, ainda que a forma do morfema não se tenha estabilizado por completo.

A ocorrência seleccionada de “com tudo” no exemplo (20) evidencia uma tomada de posição do locutor em relação à pronúncia do advérbio *até*, que é antagónica de uma opinião corrente, sob todos os aspectos respeitável e a ter muito em conta, segundo o próprio locutor. Assim este enuncia a opinião presente nos textos de Garcia de Resende, na afirmação expressa de Joam de Barros e no uso de mestre Baltasar, prior do Carmo; três modelos prestigiados. O morfema introduz neste caso a opinião contrária do Locutor, que se reflecte no uso que actualiza e que agora recomenda.

Das 33 ocorrências de “com tudo” na Gramática de Oliveira, duas apresentam a lexia “mas com tudo” que reforça o sentido contrastivo, como se pode ver no seguinte exemplo:

(24) “Fingir ou achar vocabolos nouos e perigo diz Quintiliano em tanto que se são bos não vos louão por isso & se não prestão zombão de vos. Uerdade he que não ha cousa tam aspera que o vso não abraude : **mas com tudo** não se faça ley do costume dos piores: porque as falas dos que não sabem farão escarneio de si mesmo & de quem as faz & vsa.” (OGR 37, 51, 18-24)

Verifica-se, neste excerto, que o locutor impõe um acréscimo informativo de uma instanciação particular que restringe uma regra tida como universal, explicitamente referida. O Locutor concede que há unanimidade na aceitação da doxa: ‘não há nada que o hábito não torne natural’ ou ‘o hábito torna tudo natural’, mas contrapõe uma recomendação da necessidade de prudência na generalização de (maus) usos linguísticos.

Procurei sublinhar os traços característicos do comportamento dos conectores argumentativos no discurso dos gramáticos quinhentistas. A

observação das tabelas II e III, que traduzem a frequência relativa destes morfemas, poderá sublinhar as características diferenciais apontadas no discurso de Fernão de Oliveira em relação ao dos outros gramáticos.

Tabela II

Distribuição no *corpus* de “porque”, “ca” e “por tanto”

| | Total | Oliveira | Barros | Gândavo | Leão |
|-----------|-------|----------|--------|---------|------|
| Porque | 468 | 218 | 143 | 9 | 98 |
| Ca | 54 | 1 | 46 | 0 | 7 |
| por tanto | 17 | 14 | 1 | 0 | 2 |

Cf. PAIVA (2002): «Índice Geral de Vocábulos», p.593, 114 e 595.

Tabela III

Distribuição de “mas”, “porem”, “com tudo(todo)/cõ tudo”, “toda via” e “pero”

| | Total | Oliveira | Barros | Gândavo | Leão |
|----------|-------|----------|--------|---------|--------------------------|
| Mas | 233 | 155 | 36 | 4 | 38 |
| Porem | 36 | 30 | 3 | 1 | 2 |
| Com tudo | 33 | 33 | 0 | 0 | 0 |
| Toda via | 19 | 17 | 0 | 2 | 0 |
| Pero | 13 | 0 | 12 | 0 | 1 (objecto da descrição) |

Cf. PAIVA (2002): «Índice Geral de Vocábulos», p.592, 164, 743 e 575.

A análise destes quadros evidencia que o contrastivo de mais elevada frequência nos textos analisados é a conjunção “mas”, com muito mais ocorrências do que as restantes, “porem”, “toda uia” e “com tudo”. A conjunção “mas” aparece com frequência na função de introdutor de acréscimos como se vê no exemplo seguinte:

(25) “As dições apartadas a que os latinos chamão simprezes ou singelas são aquella cujas partes não podē ser dições inteiras : **mas** diuidēse somēte em syllabas & letras ou també não se podē deuidir quando não tē mais do que hũa so letra...” (OGR 34, 45, 4 -8)

Note-se também, no entanto, que esse acréscimo de informação é genericamente contra-expectativa e que a conjunção conecta argumentos anti-orientados, tendo, portanto, um valor/função primordial de contra-argumentação. Este morfema recorta no enunciado, por um lado, uma instrução discursiva, e, por outro, constrangimentos respeitantes à progressão do discurso, orientando-o para uma conclusão.

As orações introduzidas por adversativos – contra-argumentativos – surgem tendencialmente como especificação de uma situação inicial; esta especificação é muitas vezes contra-expectativa, de reduzida probabilidade de ocorrência e representa uma quebra ou fractura de ordem ou regularidade anteriormente estabelecida e que seria susceptível de gerar dúvidas, hesitações ou de dar lugar a uma objecção que justamente estas especificações antecipam.

Não posso, neste contexto, deixar de fazer uma referência, mesmo que muito breve, a aspectos de ordem diacrónica. O inventário dos morfemas contrastivos que surgem nestes quadros não corresponde exactamente àquele que tenho observado em textos de sincronias anteriores¹³. De facto, em contraste retrospectivo, observa-se o resultado de um fazer-se do sistema conjuncional a partir de formas adverbiais, preposicionais, nominais ou de fraseologias que transitam para o valor de conectores discursivos. Há portanto morfemas que se vêm a fixar como contrastivos e não o eram tão claramente no português medieval. Ocorreram casos de gramaticalização de certos morfemas como “toda via”, “com tudo” e “por en” que surgem já claramente como conjunções adversativas. Houve também contrastivos que caíram em desuso, como “pero”, ou “maguer”. Ambos constam da lista “De algũs vocabulos antigos portugueses que se achão em scripturas e sua interpretação” que constitui o cap. XVIIIº do texto da *Origem da lingua portuguesa* de Duarte Nunez de Leão. No entanto, o texto de Barros apresenta 12 ocorrências de *pero* e 46 de *ca*, o que, entre outros aspectos, indicia certa tendência arcaizante do seu uso do português.

Antes de terminar, quero retomar e reforçar o que deixei já expresso atrás sobre a especificidade do discurso gramatical de Fernão de Oliveira.

A análise a que procedi do uso de conectores argumentativos na sua Gramática permitiu-me captar um acentuado e peculiar dinamismo argumentativo. É muito frequente em Oliveira a estratégia discursiva que parte de uma definição seguida de argumentação e proposta de sucessivas hipóteses. Para além dos vários exemplos já anteriormente analisados, encontramos uma ilustração clara deste procedimento no capítulo xxxii, “Das dições” e no capítulo xxxiii, “Das novas dições”, de que retiro o seguinte excerto:

“As dições alheas são aquellas que doutras linguas trazemos a nossa por algũa neçessidade de costume trato arte [...] E arcabuz há sete ou oyt’anos pouco

¹³ Cf. Barros (2002) “Alguns aspectos do funcionamento dos contrastivos no Português medieval.”. In: Head, et al. (orgs., 2002), *História da Língua e História da Gramática. Actas do Encontro*. Braga: 2002: 72-82

mais ou menos que veo ter a esta terra com seu nome dantes nunca conhecido nella :& **porem** a este podemos chamar nouo mais que alheo, porque pode ser que tão puoco dantes não era vsado nessa terra dôde o nos trouxemos ou tomamos. **Ora** pois de tal nome como este [...] se quisermos saber a etimologia ou naçimêto delle ha mester que saibamos onde premeiro nasceu esta cousa a que chamamos arcabuz... : nã so a terra : **mas** a pessoa particular hauemos de saber & êtão lhe preguntaremos porque lhe assi chamou: & pode ser que...: ou **por ventura** ...: ou **por vêtura**...etc: assi que e trabalhoso & pouco çerto querer saber os naçimêtos particulares das dições. E neste parecer he tâbẽ Quintiliano no primeyro liuro. **Mas porẽ** podemos saber & e bẽ nõessario que saibamos os naçimêto em genero...”

Os ensinamentos, a descrição gramatical, não têm apenas uma forma assertiva ou assertiva declarativa, integram também segmentos argumentativos. Há um esforço de confrontar e pesar hipóteses diferentes. Num estilo muito próprio, Oliveira vai lançando hipóteses que valida ou sobretudo invalida, seguindo novos rumos na sua argumentação e atribuindo, por vezes, um carácter provisório às suas próprias definições.

A argumentatividade do discurso de Fernão de Oliveira tem, realmente, uma configuração específica. Tal como os outros gramáticos, apresenta definições, propõe terminologia e expõe explicações e justificações vazadas em construções causais. Mas considera sempre outros discursos, outras opiniões, outras vozes. O seu discurso é sem dúvida o mais marcado pela heterogeneidade enunciativa. A sua perspectivação dos temas é multifacetada, contemplando mais do que uma opinião, traduzindo o reconhecimento da possibilidade de outras interpretações, prevendo dúvidas. As suas próprias opiniões e decisões são construídas em sucessivos momentos de observação. Chega a reagir contra a norma por ele próprio anteriormente estabelecida, numa progressão do raciocínio que se vai construindo sob os olhos do Alocutário.

Assim, encontrámos ocorrências múltiplas de construções com causais e conclusivas no texto de Fernão de Oliveira, sendo frequente o uso dos conectores *mas*, *com tudo*, *porem*, *todavia*, que conjugam, como vimos, a função de conector discursivo com função semântica e pragmática de contra-argumentação. Estes contrastivos focalizam circunstâncias excepcionais em contraste com uma norma geral denotando uma diferente concepção da fundamentação dos juízos elaborados. Na sua reflexão sobre a linguagem e sobre a língua portuguesa a observação é o critério que se sobrepõe à autoridade.

Estas quebras de uma regularidade anteriormente estabelecida, estas reformulações, destacam-se no discurso deste gramático renascentista, conferindo-lhe um estilo inconfundível de descrição linguístico-gramatical no conjunto dos textos dos gramáticos portugueses seus contemporâneos.

Referências

- Anscombre, Jean-Claude; Ducrot, Oswald 1977. «Deux mais en français?» In: *Lingua*, 43: 23-40.
- (1983), *L'argumentation dans la langue*. Bruxelles.
- Anscombre, Jean-Claude (ed.) 1995. *Theorie des topoi*. Paris.
- Barros, Clara 1996. “Para uma análise do discurso jurídico medieval: Enquadramento argumentativo dos actos injuntivos”. In: *Diacrítica (In Memoriam José de Azevedo Ferreira)* 11: 175-185. Publicado também in: Fonseca (org.) 1998. *A Organização e funcionamento dos Discursos. Estudos sobre o Português*. 2 Tomos, Porto, II.
- 2002. “Alguns aspectos do funcionamento dos contrastivos no Português medieval.” In: Head, Brian, et al. (orgs., 2002), *História da Língua e História da Gramática. Actas do Encontro*. Braga: 72-82.
- Buescu, Maria Leonor Carvalhão (ed.) 1971. João de Barros *Gramática da Língua Portuguesa* Reprodução facsimilada, leitura, introdução e anotações por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa.
- 1975. *Gramáticos portugueses do século XVI*. Lisboa.
- (ed.) 1975. *A Gramática da Linguagem Portuguesa de Fernão de Oliveira*, introdução, leitura actualizada e notas por Maria Leonor Carvalhão Buescu. Lisboa.
- Ducrot, Oswald et al. 1980. *Les Mots du discours*. Paris.
- «Topoi et formes topiques». In: Anscombre (ed.) 1995.
- Duarte, Isabel Margarida 2003. *O relato de discurso na ficção narrativa, Contributos para a análise da construção polifónica de “Os Maias” de Eça de Queirós*. Lisboa.
- Fonseca, Joaquim 1994. *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto (Coleção Linguística, vol. 5).
- Heine, Bernd; Traugott, Elizabeth (eds.) 1991. *Approaches to Grammaticalization Volume I. Theoretical and methodological issues*. Amsterdam.
- Hopper, Paul; Traugott, Elizabeth 1993. *Grammaticalization*. Cambridge.
- Jucker, Andreas H. (ed.) 1995. *Historical Pragmatics. Pragmatic Developments in the History of English*. Amsterdam.

- Marques, Maria Aldina 2000. *O Funcionamento do Discurso Político Parlamentar*, Braga.
- (eds.) 2004. *Práticas de Investigação em Análise Linguística do Discurso. Actas do II Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*. Braga.
- Paiva, Maria Helena Novais 2002. *Os gramáticos portugueses quinhentistas e a fixação do padrão linguístico* (tese de Doutoramento), II «Pré-edições»; III «Índice Geral de Vocábulos»
- Torres, Amadeu; Assunção, Carlos (eds.) 2000. Fernão de Oliveira *Gramática da Linguagem Portuguesa* (1536) Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa.